

GERAÇÃO DE 50: PERCURSO LITERÁRIO E SUA IMPORTÂNCIA NA LUTA DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

*Jofre Rocha**

RESUMO

Este trabalho pretende abordar as seguintes questões: Em que data e circunstâncias terá surgido aquilo que constitui hoje a Literatura de Angola e que referências históricas, que marcas cronológicas poderão balizar o seu nascimento. Que influência viria a ter mais tarde esse surgimento, na luta pela conquista da independência dos territórios sob dominação colonial portuguesa?

Quando no ano de 1948 um punhado de jovens estudantes e intelectuais angolanos, entre os quais se contavam Viriato da Cruz e Alcântara Monteiro, lança em Luanda o grito “Vamos descobrir Angola”, dava início a um movimento sem precedentes na literatura nacional, destinado a marcar profundamente o panorama cultural angolano no seu todo.

Com efeito, se do ponto de vista literário “Vamos descobrir Angola” vem a constituir o ponto de partida para uma assunção mais profunda dos valores culturais angolanos, através do seu reconhecimento e exaltação como base de afirmação e força inspirada de características estéticas próprias, do ponto de vista histórico converte-se numa poderosa alavanca para romper com o tradicionalismo e impulsionar a torrente de sentimento patriótico vocacionada a debruçar-se, em primeiro lugar, sobre Angola, sua cultura, suas gentes e seus problemas, num esforço de identificação com as aspirações populares.

Como refere Viriato da Cruz na formulação teórica então elaborada a este respeito:

* Escritor e membro fundador e presidente da Assembléia Geral da União de Escritores Angolanos.

O movimento deveria retomar, mas sobretudo com outros métodos, o espírito combativo dos escritores africanos dos fins do século XIX e dos princípios do actual. Esse movimento combatia o respeito exagerado pelos valores culturais do ocidente (muitos dos quais caducos); incitava os jovens a redescobrir Angola em todos os seus aspectos através de um trabalho colectivo e organizado; exortava a produzir-se para o povo; solicitava o estudo das modernas correntes culturais estrangeiras, mas com o fim de repensar e nacionalizar as suas criações positivas e válidas; exigia a expressão dos interesses populares e da autêntica natureza africana, mas sem que se fizesse nenhuma concessão à sede de exotismo colonialista. Tudo deveria basear-se no senso estético, na inteligência, na vontade e na razão africanas.

Doutra forma não podia ser, se tivermos em conta o que era este território sob dominação portuguesa, no início da década de 50. A sociedade angolana era então marcada por uma nítida clivagem entre os diversos estratos sociais que a compunham e em que cabia toda a supremacia ao poder colonial cuja política de assimilação visava acima de tudo “domesticar” e despersonalizar o homem angolano, procurando levá-lo a renegar os seus valores, as suas crenças, a sua fé, menosprezando o seu próprio universo cultural.

O sopro de novas idéias que ganha o mundo na sequência do fim da segunda guerra mundial torna-se quase imperceptível na Colónia de Angola e raras são as notícias que se filtram sobre os ideais da democracia e liberdade.

Pelo contrário, a fraca densidade populacional da Colónia e a súbita revitalização que conhece a sua economia em consequência da alta de preços do café ditada pelo deflagrar da guerra na Coréia, constituem grandes incentivos para a migração em grande escala de portugueses para Angola, cujos sentimentos racistas não fazem mais que acirrar o clima social reinante.

A “Geração de 50” surge assim neste panorama ao mesmo tempo como voz dos que querem trilhar o seu próprio caminho e também como voz de reivindicação e protesto, constituída por poetas e prosadores cuja obra se preocupa antes de mais em reflectir a vivência e problemas dos angolanos. Isso mesmo refere o poeta Agostinho Neto, quando diz:

Os jovens poetas angolanos não terão que trilhar caminhos já pisados, terão que prosseguir na consecução de um fim, o qual é o da valorização das nossas culturas, ajudados como hoje podemos, pelos meios técnicos que resultam do contacto com a Europa.

É de sublinhar que tal objectivo de exaltação da cultura nacional não pressupõe a hostilização ou o denegrir dos valores culturais dos outros povos, o que demonstra, à partida, a interiorização de um certo sentido de humanismo e universalidade, patente em grande número de obras de autores angolanos.

A Fundação do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola no ano de 1950, por António Jacinto, Humberto da Sylvan e Leston Martins vem desta forma consolidar a aspiração proclamada pelo grito da “Geração de 50” ao assumir-se no dizer de

Carlos Ervedosa, como:

Movimento de poetas essencialmente virados para o seu povo e utilizando nas suas produções uma simbologia que a própria terra exuberantemente oferece. O vermelho revolucionário das papoilas dos trigais europeus, encontraram-no os poetas angolanos nas pétalas de fogo das acácias, e a cantada singeleza das violetas, na humildade dos “beijos-de-mulata” que crescem pelos baldios ao acaso. Os seus poemas trazem o aroma variado e estonteante da selva, o colorido dos poentes africanos, o sabor agridoce dos seus frutos e a musicalidade nostálgica da marimba. Mas vêm também palpitações de vida, com o cheiro verdadeiro dos homens que trabalham, o gosto salgado das lágrimas de desespero e a certeza inabalável na madrugada que sempre raia para anunciar novo dia.

A revista **Mensagem**, lançada em 1951, converte-se no porta-estandarte, no mais válido repositório da memória colectiva em que colaboram os jovens poetas com novas propostas temáticas.

Entretanto, um factor da maior importância intervém na expansão e dinamização de tal movimento: a década de 50 vê partirem para Portugal a fim de prosseguirem estudos universitários, muito daqueles jovens que levam já no seu íntimo a preocupação da angolanidade e da afirmação de uma proposta literária em consonância com o propósito de viver, pensar e sentir Angola e seus dramas.

Este núcleo de estudantes procura organizar-se no exterior do país e consegue assumir a direcção da “Casa dos Estudantes do Império”, agremiação fundada em Lisboa em 1945 mas cuja orientação até então era de total subordinação aos interesses do aparelho fascista português.

A “Casa dos Estudantes do Império” tem o mérito de conseguir organizar e congregar à sua volta os estudantes oriundos das várias colónias sob dominação portuguesa, dinamizando o estudo da situação prevalente nos respectivos territórios de origem e fortalecendo a sua convicção relativamente às transformações que seria imperativo operar no futuro.

A actividade editorial da “Casa dos Estudantes do Império” desempenhou papel de primordial importância na divulgação dos autores angolanos silenciados pela barreira da censura e contribuiu de forma decisiva para chamar a atenção do mundo para os dramas que Angola vivia.

Dentre os nomes mais representativos da produção literária desta geração, é justo destacar os nomes de Viriato da Cruz, Agostinho Neto, Maurício Gomes, Antônio Jacinto, Humberto da Sylvan, Alda Lara, Alexandre Dáskalos, Ermelinda Pereira Xavier, Mário Antônio e Aires de Almeida Santos.

Na sua generalidade, a obra destes poetas e prosadores faz jus ao conceito de criação literária fortemente impregnada do sentimento nacionalista que viria a consubstanciar-se em organizações políticas cuja acção contribuiria para a libertação desses territórios do jugo colonial português.

E os versos fluem carregados de esperança, deixando antever um porvir diferente, como nestes de Viriato da Cruz:

*Pelos teus olhos, minha mãe
 vejo oceanos de dor
 claridades de sol-posto, paisagens
 roxas paisagens
 dramas de Cam e Jafé...
 Mas vejo (Oh se vejo...)
 Mas vejo também que a luz roubada
 aos teus olhos, ora esplende
 demoniacamente tentadora-como a certeza
 cintilantemente firme-como a esperança
 em nós outros, teus filhos,
 gerando, formando, anunciando -
 o dia da humanidade
 "O dia da humanidade! ..."*

Agostinho Neto prenuncia o percurso que se pressente na inexorável marcha da história:

*Não me descobri na vida
 e selvas desbravadas
 escondem os caminhos
 porque hei-de passar
 Mas hei-de encontrá-los
 e segui-los
 seja qual fôr o preço*

Nos verso de Maurício de Almeida Gomes, uma vez ultrapassado o drama da escravatura, vem a exortação à organização e à unidade:

*Tocadores, vinde tocar
 marimbas, ngomas, quissanges
 vinde chamar nossa gente
 p'rá beira do grande mar
 sentai-vos, irmãos, escutai:
 precisamos entender
 as falas da natureza,
 dizendo da nossa dor
 chorando nossa tristeza
 Ora escutai, meus irmãos:
 aquele sol no poente
 vermelho como uma brasa
 não é sol sómente. Não!
 É coágulo de sangue
 vertido por angolanos
 que fizeram o Brasil!
 ouvi o mar como chora,
 ouvi o mar como reza ...*

Antônio Jacinto, convicto no seu querer, canta:

*O meu poema anda na praça trabalha na cozinha
vai à oficina
enche a taberna e a cadeia
é pobre roto e sujo
vive na noite da ignorância
o meu poema nada sabe de si
nem sabe pedir
O meu poema foi feito para se dar
para se entregar
sem nada exigir
mas o meu poema não é fatalista
o meu poema é um poema que já quer
e já sabe
o meu poema sou eu-branco
montado em mim-preto
a cavalgar pela vida.*

A voz telúrica de Alexandre Dáskalos, lança uma mensagem cheia de vida, que rompe convencionalismos e faz brotar um fio de esperança nos corações.

*Acorda,
erguida como o sol sobre as montanhas ...
estende os braços
à vida que te chama
E canta! ...
Vai! ...
E de cabelo ao vento,
constrói a vida pela raiz da dor no fogo
das entranhas
Vai! ...
E que os olhos
e os lábios
vejam e saibam
do fragor da luta ...*

E a voz de Alda Lara eleva-se límpida, profética, conclamando acima das diferenças e do preconceito racial:

*Vamos, companheiro!
É tempo ...
Que o meu coração
se abra à mágoa das tuas mágoas
e em prazer dos teus prazeres
irmão:
Que as minhas mãos brancas
se estendam para estreitar com amor
as tuas longas mãos negras ...*

*e o meu suor,
quando rasgarmos os trilhos
de um mundo melhor.
Vamos!
Que outro aceno nos inflama ...
Ouves?
É a terra que nos chama ...
E é tempo, companheiro!
Caminhemos ...*

No ano em que a União dos Escritores Angolanos completa o seu vigésimo aniversário, a participação nesta 1ª Semana de Estudos Africanos assume também o significado de um incentivo ao estudo das literaturas africanas de língua portuguesa e o abraço dos escritores angolanos aos escritores brasileiros na certeza de que esta feliz iniciativa contribuirá ainda mais para o entendimento e o relacionamento fraterno entre o povo angolano e o povo brasileiro.

RÉSUMÉ

Ce travail a pour but de discuter les questions suivantes: dans quelles circonstances et à quelle époque est né la littérature d'Angola et quelles références historiques, quelles étapes chronologiques pourra-t-on remarquer à propos de cette naissance? Quelle influence aura plus tard cet événement au sein de la lutte pour la conquête de l'indépendance des territoires sous la domination coloniale portugaise?